



ANGÚSTIA

RONALDO LUIS GOULART

CAMPELLO

Resumo: Este ensaio busca traçar as afinidades que escapam no entre, daquilo que esta no meio do que se escreve [poesia] daquilo que se expressa em forma de imagem [fotografia] quando as palavras são somente ecos distantes e tomam forma de outro modo e trata também de dar forma e expressão aquilo que inquieta profundamente, aquilo que incomoda que é o fazer docente, a busca iníqua de um devir-docente, uma ética, uma estética professoral que de conta de expressar-se.

Palavras-chave: Formação de Professor. Poesia. Cartografia

ANGUISH

Abstract: This essay seeks to trace the affinities that escape in between, of what is in the middle of what is written [poetry] of what is expressed in the form of an image [photography] when words are only distant echoes and take shape in another way and it also deals with to give shape and expression to what deeply disturbs, what bothers teaching, the iniquitous search for a teacher-becoming, an ethics, a professorial aesthetic that has to express itself.

Keywords: Teacher Training. Poetry. Cartography

Ronaldo Luis Goulart Campello. Pai, poeta e professor no magistério estadual e municipal na cidade de Pelotas – RS. Mestre em Educação e Tecnologia pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-Rio-Grandense IFSUL, e também Mestre em Artes Visuais pela Universidade Federal de Pelotas – UFPEL. Membro do coletivo de autores #Eu leio Pelotas. E-mail: ronaldo.campello@hotmail.com

RELAÇÃO DE OBRAS:

“Click ou isto não é um preto”, volume I, 2020.

Caneta esferográfica preta sobre capa de caderno. 14,9 x 21 cm. Objetos múltiplos.



[...]

Sua vontade inicial era terminar o que já havia iniciado há um tempo, mesmo sem perceber ao certo o que buscava. Suas vontades esvaíam-se como o sangue que se esvaía de suas veias [o corte que havia provocado]. Buscando cessar, criar lapsos de fluxos que insistem em seguir, prosseguir, resistir...

Ele dizia que não era intencional, mas estava lá aquele corte, aquela vontade e suas intenções em todos os instantes mais turvas e complexas. Como uma ferida aberta, um vôo de mosca, que traceja seu caminho e de logo em logo alça as alturas e segue...

Não tinha como saber o que estava realmente acontecendo, pois tudo tão de repente ocorreu e o arrebatou de pronto, num salto, um espanto, e deslocou-o de um plano a outro. Num instante estava sentado angustiado, buscando um modo de livrar-se do que já tinha iniciado e não conseguia. Era algo que já se tomava parte de si. Não conseguia mais libertar-se daquelas correntes, cada vez mais pesadas em virtude de todo o desgaste de buscar livrar-se delas.

Ainda para piorar, as imagens que lhe atormentavam não lhe diziam nada, ao contrário tornavam-se ainda mais confusas ao passo que os dias corriam lentos, tal quais as areias do tempo no estreito caminho que há dos opostos-iguais da ampulheta, este [o tempo] deixou de ser um aliado, tornou-se um inimigo.

O sangue ainda escorria não mais tão veloz, mas ainda escorria. Seus pensamentos estavam mais propensos a desistir do que qualquer outra coisa. Seu[s] desejo[s] fora[m] vencido[s] pensava ele. De que forma escapar? De que modo parar de sangrar? Como ainda posso tornar o tempo um aliado?

As respostas a estas perguntas estavam distantes, as próprias perguntas estavam tão distantes, pois ele estava distante. Mas, como em um mudo assombro, os pássaros calaram seus gorcejos, as tempestades tornaram-se aliadas e ele as cavalgou e conseguiu cerrar os pulsos, estancar o fluxo que escorria [ideias] e centrar-se em uma só e seguir...

escrevendo.



O que pretende a escrita? Libertar-nos do que é. E o que é tudo, mas é primeiro a presença das “coisas sólidas e preponderantes”, tudo o que para nós mascara o domínio do mundo objetivo. Essa libertação se realiza graças à estranha possibilidade que temos de criar o vácuo ao nosso redor, de colocar uma distância entre nós e as coisas. Esta possibilidade é autêntica (“temos direito”) porque esta ligada ao sentimento mais profundo da nossa existência, a angústia, dizem uns, o tédio, diz Mallarmé. (BLANCHOT, 1997, p.45).

Há algum tempo meus olhos não tocam as texturas do ambiente onde revira sua fé, pois estas lhe surgem tão cinzas, sombreadas de um acre hálito o qual cerra suas órbitas. Algo que tem a ver com naturalização, banalidade, senso comum, e Eles, os seus olhos, se calam e expiam de tal modo vontades que um embrutecimento voraz torna quiçá, o fazer pedagógico um fardo. Mas, não deveria ser assim. Pois, lá onde revira sua fé ao avesso e a destroça em mil faces, lá naquele lugar onde seus olhos deixam escapar ou querem que escapem o que de mais sensível há para ver, há para sentir, há de existir, ainda, uma textura que não. Seus olhos ainda não tocaram, pois, Eles sabem diferir um olhar de imersão de um olhar de sobrevôo, e, deixam sim escapar suas mais profundas vontades de querer tocar as coisas. Algo de útil ou inútil, quem sabe? É notório que Eles, por vezes, criam obstáculos, muros, cercas, cercos que impedem o corpo, também de sentir com intensidade, por exemplo, a brisa violenta do bater de asas de uma mosca, ou a intencionalidade que há no movimento dos lábios que articulam-se aos horizontes das faces para produzir um sorriso de infante, e que, isso enferruja ainda mais o terno e cálido afeto de se fazer maestro. Uma angústia.

É do saber de todos, não novidade, que ele busca incansavelmente na estética de uma escrita [talvez na estética dos objetos, e suas singularidades], dar forma ou suportar, e daí capturar o que não está dito, para perseguir-tocar novamente a textura dos elementos que compõem um corpo escrito [professoral], um criminoso desejo de querer ter fé, e por fim cerrar os ferrolhos do esquite no qual a sepulta. Outra angústia. Uma fé esquecida sob o pó do giz que se parte ao toque, ou que arranha o quadro e não produz notas harmoniosas, mas sim gritos, lamentos, ou sussurros de ecos longínquos... Um quadro e um giz que não conversam entre si, mas que travam homéricas-troianas batalhas...

Há diálogo com objetos que seus olhos não querem notar, se sim o que querem envolver? Será levar-te a outro caminho, um caminho mais a margem ainda deste que encontramos neste deserto e que explora dialogar com outros viajantes que em outras caravanas pouco a pouco lhes fazem observar o



movimento dos ventos que bailam com a areia, e lhes ajudam distraidamente a afrouxar os ferrolhos do esquite... Ou às vezes ao sentar em meio ao caminho e observar as estrelas [bússolas] provocarem os olhos. Nômades que buscam.

De que modo articular poesia, devir-docente, fotografia e traumas? Em tempos de confinamento onde você enterra seus mortos? Onde e como experienciar de modo saudável tal confinamento ao qual estamos vivenciando?

Este ensaio buscou traçar as afinidades que escapam no entre, daquilo que esta no meio do que se escreve [poesia] daquilo que se expressa em forma de imagem [fotografia] quando as palavras são somente ecos distantes e tomam forma de outro modo e trata também de dar forma e expressão aquilo que inquieta profundamente, aquilo que incomoda que é o fazer docente, a busca iníqua de um devir-docente, uma ética, uma estética professoral que de conta de expressar-se.

REFERÊNCIAS

BLANCHOT, Maurice. A parte do fogo. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.













